

## O ENSINO DE GRAMÁTICA E SEUS MÚLTIPLOS USOS COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO

*Orleane Evangelista de Santana* (UEMASUL)

[orleanesantana@bol.com.br](mailto:orleanesantana@bol.com.br)

*Antonio Cílrrio da Silva Neto*(UFT)

[acilirio@bol.com.br](mailto:acilirio@bol.com.br)

### RESUMO

O objetivo deste estudo é refletir sobre o ensino de gramática e seus múltiplos usos, sejam eles explícitos ou implícitos. Analisa-se, conforme Ivo (2010) e Travaglia (2009, 2011), que o ensino de gramática deve ser dado como arte e ciência e de acordo com suas funções. Averiguamos que a educação linguística ajuda o aluno e o professor a cumprirem plenamente as funções da sua linguagem de representar o mundo, o pensamento, comunicar e ao mesmo tempo agir e fazendo pensar e agir os outros, e tudo isso com rigor, eficácia e correção. Nesse entrelaçamento, espera-se uma maior compreensão do que é e o que foi o ensino de gramática e seus múltiplos usos. O uso da linguagem como forma dinâmica, considerando os elementos histórico-sociais na construção e enunciação dos códigos linguísticos. Urge, para esse esforço, a recuperação das noções de gramática baseada na teoria da complexidade de Edgar Morin (2008). Metodologicamente nos fiamos em pesquisas de descrição, análise e reflexão que estão direcionados às investigações de cunho qualitativo. A triangulação faz parte do nosso trabalho, porque verifica-se que em um paradigma complexo esta abordagem indica a combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas no tratamento de um fenômeno (FLICK, 2007). Conclui-se que, no ensino de gramática existe um constante movimento que nos prepara para novos desafios.

#### Palavras-chave:

Educação linguística. Ensino de gramática. Ensino de língua.

### ABSTRACT

The aim of this study is to reflect on the teaching of grammar and its multiple uses, either explicit or implicit. It is analyzed, according to Ivo (2010) and Travaglia (2009, 2011), that grammar teaching should be given as art and science and according to their functions. We find that language education helps the student and teacher to fully fulfill their language's functions of representing the world, thinking, communicating, and at the same time acting and making others think and act, and all with rigor, effectiveness, and correctness. In this intertwining, a greater understanding of what is and what was the teaching of grammar and its multiple uses is expected. The use of language as a dynamic form, considering the historical and social elements in the construction and enunciation of linguistic codes. For this effort, the recovery of grammar notions based on Edgar Morin's theory of complexity (2008). Methodologically we rely on research of description, analysis and reflection that are directed to investigations of a qualitative nature. Triangulation is part of our work because it is found that in a complex paradigm this approach indicates the combination of different methods, study groups, local and temporal environments and different theoretical perspectives in the

treatment of a phenomenon (FLICK, 2007). We conclude that in grammar teaching there is a constant movement that prepares us for new challenges.

**Keywords:**

**Grammar teaching. Language teaching. Language education.**

## **1. Introdução**

O ensino sobre gramática e seus múltiplos usos como código linguístico nos primeiros anos do ensino fundamental nos levou a seguir o norte teórico da complexidade de Edgar Morin (2008) e a abordagem qualitativa delineada por Flick (2007), essas nos serviram de apoio para a análise dos dados investigados, isso porque o nosso ponto de partida metodológico não é fechado e nem restrito, já que a realidade, tanto teórica quanto prática, investigada é evidentemente complexa. Dessa maneira, concebemos que a linguagem como forma dinâmica, deve ser considerada nos seus elementos histórico-sociais e na construção e enunciação dos códigos linguísticos.

A Teoria da Complexidade, segundo Morin, requer: distinção, objetivação, análise e seleção. *Distinção* não no sentido de disjunção, quando se isola e se separa fenômenos e processos, mas quando se tem objetos e meios que, mesmo sendo distinguido e oposto, não se separam, se complementam como “a ordem e a desordem, [...] a unidade e o conflito, a harmonia e a discórdia, a autonomia e a dependência, o objeto e o sujeito” (PADERES, RODRIGUES, GIUSTI, 2014, p. 03). *Objetivação*, porque o sujeito conhecedor é ele próprio objeto, para que assim e a partir de então, o todo se construa na apreensão das partes e das partes no todo. *Análise*, o todo, é um fenômeno da complexidade multidimensional da realidade, que é econômica e mítica, política e não política, individual e coletiva. E *seleção* como caracteres essenciais ou pertinentes do objeto, na teoria da complexidade, é o que constitui o nosso *corpus* de trabalho, que Morin chama de *complexus* o que é tecido junto, inseparáveis constitutivos da seleção desse todo (MORIN, 2008).

Flick (2007) distingue quatro tipos de triangulação, a primeira a triangulação de dados, o segundo a triangulação do investigador, a terceira a triangulação da teoria e a quarta é a triangulação metodológica que se divide em dois subtipos, a triangulação dentro do método e entre um método e outro. Essas triangulações serão tidas em nossa pesquisa como estratégia para a validação de resultados, porque, segundo Flick, a triangulação “continua sendo a estratégia mais sólida da construção da teoria”

Na construção das reflexões tanto teóricas quanto metodológicas e na compreensão da análise de dados averiguamos na fala dos professores o que representa ensinar gramática na escola de ensino fundamental. As informações oriundas dessas fontes foram usadas como uma forma de compreender alguns aspectos do “estudo da língua” na fala dos docentes tomados como objeto de análise.

Os participantes da nossa pesquisa foram os professores do 5º ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de Imperatriz-MA, para os quais foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas. Neste recorte, escolhemos a questão sobre o ensino de gramática e seus múltiplos usos.

As perguntas referiram-se sobre a identificação do professor e as outras voltadas para o tema desta pesquisa: o ensino de gramática e seus múltiplos usos como código linguístico, afim de traçar perfis característicos do posicionamento do educador, para que sirvam de análise ao tema proposto. A questão trata da necessidade ou não de se ensinar gramática, para isso perguntamos: você acha necessário o ensino de gramática?

Portanto, como recurso à análise extensiva da realidade, a compreensão neste artigo se fez através de uma crítica aplicada às respostas dos atores investigados, como também da investigação do tema orientador, neste caso: o ensino de gramática.

## **2. O ensino de gramática e seus múltiplos usos como código linguístico**

Quando questionamo-nos sobre o ensino de gramática, no ensino fundamental, pensamos o quanto é pertinente refletir sobre o ensino de teorias gramaticais, porque o ensino da gramática na educação básica está na produção e compreensão de cada frase que pronunciamos. Esse ensino deve ser defendido “como o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação” (FRANCHI, 2013, p. 99). Baseados nesse autor nos perguntamos, ainda, se essa prática deve ocorrer só no final do ensino fundamental? Ele diz que nós já sabemos a resposta, ou seja, somente através de uma larga familiaridade com os fatos da língua, com a necessidade de sistematizar um saber linguístico que se aprimorou e se tornou consciente.

Diante disso, nos questionamos sobre como ensinar a língua portuguesa no ensino fundamental e pensamos em um aporte aos estudos linguísticos e também o quanto é pertinente refletir sobre o ensino de gramática.

Para muitos teóricos, entre tantos Câmara Junior (2011) e Franchi (2013), as atividades linguísticas se dão nas situações cotidianas de comunicação, na família e na comunidade dos alunos, e pode se reproduzir na escola se esta se tornar um espaço de interação social, que implique principalmente o diálogo e a contradição, somente assim se cria o “saber linguístico das crianças, dessa ‘gramática’ que interiorizam no intercâmbio verbal com os adultos e seus colegas” (FRANCHI, 2013, p. 95). Segundo esse autor não se trata de aprender e/ou apreender uma série de normas gramaticais, mas levar os alunos a diversificar os recursos expressivos com que falam e escrevem, a operar sobre sua própria linguagem praticando os fatos gramaticais de sua língua.

Portanto, Kleiman e Sepulveda (2014) afirmam que o ensino de gramática ainda é um entrave na formação do cidadão letrado, os gramáticos e linguistas podem até divergirem ou concordarem sobre a maneira de abordagem do ensino de língua materna, em relação ao estudo da língua, mas procuramos reuni-los e chegamos a conclusão de que este assunto deve ser tratado com cautela para não cairmos em soluções aparentes ou em afirmações que não são embasadas em fundamentações sólidas, vindas de dentro da sala de aula, para que não excluamos o conhecimento produzido pela sociedade e que de alguma forma exclua o cidadão dos bens sociais, econômicos e culturais que lhes pertencem por direito.

### **3. O ensino de gramática e o posicionamento dos investigados**

No ensino de gramática e seus usos como códigos linguísticos nos levam a pensarmos em concepções teóricas e metodológicas para esse ensino. Diante disso, para Mendonça o “ensinar, o que faz um bom professor de português, como deve ser a aula de português, o que deve avaliar e como etc., interligam-se em concepções teóricas, sejam elas conscientes ou não, e escolhas metodológicas” (MENDONÇA, 2009, p. 220-1).

A partir desse entendimento, Silva Neto (2015) pergunta aos professores do 5º ano do ensino fundamental, quando se pode ensinar gra-

mátiva? Vejamos as respostas dos professores, transcritas pelo investigador, em relação a esse ensino:

Quadro 1: Quando de pode ensinar gramática?

5º ano	i) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental e adequando ao nível de maturidade dos educandos. ii) Desde a Educação Infantil, pois já se compreende a estrutura e formação das palavras. iii) Logo que a criança iniciar no 1º ano do Ensino Fundamental. iv) Deve ensinar desde o 1º ano, que é a alfabetização.
--------	---

Fonte: Silva Neto (2015)

Como percebemos nas respostas dadas pelos investigados, as crianças aprendem gramática na escola desde a sua entrada. Quando as crianças compreendem a estrutura e a formação das palavras, eles já estão aprendendo. Segundo Rojo (2011) o ensino de gramática e de conceitos gramaticais bastante sofisticados devem se dar (derivação de palavras, radical, tempos, modos e pessoa o verbo, classes de palavras) durante todas as séries do ensino fundamental e devem ser aprendidas por observação, demorando a se estabilizar. Dessa maneira, afirmamos que o ensino de gramática está estreitamente ligado com as pessoas e o mundo ao seu redor produzindo sentidos, reflexões e intenções, assim, o ensino de gramática provoca um jogo de palavras, de sentidos e de linguagens.

Para Oliveira, no livro “a gramática de Dionísio Trácio e seus contrapontos semânticos” (2011) em que historiciza o ensino de gramática, diz que esse ensino, também se dar pelo viés diacrônico e semântico e no livro “Cattus, Feles et Pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas”<sup>239</sup>, de 2015, traz-nos a seguinte metáfora:

Os felinos têm sete vidas; as palavras, também – vidas ortográficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e etimológicas (também semióticas e/ou intertextuais). Dessa forma, as palavras são como gatos: amigas, às vezes; rebeldes e individualistas, noutras vezes, mas sempre cheias de intenções; além disso, como os gatos, e, também como os felinos, são seduzidas e possuídas somente a distância, como salientou Merleau-Ponty (1980, p. 145), as palavras são ‘atraídas, visitadas a distância pelo pensamento, como as marés pela lua’ (OLIVEIRA, 2015, p. 07/08)

<sup>239</sup> Cattus, feles et pinguis: Gatos, Felinos e Intenções? (OLIVEIRA, 2015) Tradução de Antonio Cilírio.

Portanto, quando falamos em ensino de gramática, dar vida as palavras com seus usos como códigos linguísticos “correto e falso é o que os homens dizem, e na linguagem os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre a forma de vida” (SAES, 2013, p. 70).

Devemos revalorizar o papel da gramática, como um trabalho autônomo, com tempo e centrado no desenvolvimento desse conhecimento sistemático dos alunos. Buscamos um ensino de gramática da língua materna com práticas baseadas no estímulo da competência linguística e da consciência metalinguística dos seus falantes, não um ensino baseado apenas nas nomenclaturas, de conceitos ou terminologias linguísticas, mas um ensino de gramática para que os alunos se apropriem do uso correto da linguagem e para a colocarem ao serviço das suas necessidades comunicativas, conforme postula Ivo (2010). A partir desse entendimento afirmamos que o ensino de gramática é importante, de acordo com os autores pesquisados.

Insistimos ainda, na pergunta, mas qual o momento de iniciar os alunos no estudo explícito do ensino de gramática, com suas definições e classificações, para Antunes (2014) não se trata de saber quando, porém não antes dos alunos estarem lendo e escrevendo, o estudo da metalinguagem não deve vir em primeiro lugar, antes dos alunos desenvolverem as competências básicas da leitura e da escrita, a iniciação científica dos alunos em relação à gramática não tem tempo determinado, mas deve acontecer à medida que a prioridade máxima for sendo satisfeita. Assim cabe ao professor uma atitude frente aos fatos de linguagem que pretende investigar, pois essa atitude científica levará a observação, ao questionamento, as hipóteses, na convicção de que não existem sistemas linguísticos definitivamente prontos, nem inteiramente definidos e precisos.

De acordo com o posicionamento desses linguistas verificamos que faz-se imperioso estudar teoria gramatical a partir da compreensão de mundo da criança. A nossa intenção não é defender que o professor ensine gramática no ensino fundamental, apenas por ensinar, mas mostrar que o professor pode optar por ensinar teoria gramatical ou linguísticas a seus alunos. Conforme Travaglia (2009) e (2013, p. 152) se ensinar deve fazer um ensino consciente de vários fatos e fatores que não podem ser esquecidos para não incorreremos numa atitude inconsequente, ensinar teoria por desconhecer outras possibilidades para o ensino de língua materna; ou, ensinar teoria gramatical porque é mais cômodo e fácil, inclusive porque é o mais que se tem feito, é o que está estabelecido como i-

magem do que seja o ensino de língua materna e, por isso mesmo, dificilmente será questionado por alguém e exigirá de nós posturas profissionais claras e competentes.

Para os estudiosos da língua, aqui apresentados, todos concordaram que a língua é uma ferramenta carregada ao ponto de explodir e, saber usá-la é uma sabedoria. Para Bolinger (1989), citado por Kleiman e Sepulveda (2014, p. 9), “saber usá-la é ter poder”.

Concluimos esse posicionamento nos perguntando: o que ensinar para esse aluno contemporâneo? Rojo (2011) nos responde dizendo que nenhuma escolha é impune ou neutra, e que nada em educação é neutro e nossa tarefa é fazer escolhas e encaminhamentos conscientes, poderemos restringir o nosso universo de escolha dentre os “ensináveis”: será mais importante ensinar agora uma carta de amor? Ou uma carta de leitor? Ou um requerimento?

#### **4. Considerações finais**

A pesquisa verificou que diante da necessidade de mudanças na educação e no papel que o professor desempenha, faz-se necessário pesquisas ou propostas que ajudem tanto alunos quanto professores a apreenderem conteúdos condizentes com a realidade. Diante disso, podemos destacar que nas aulas de língua materna, o ensino de gramática parece um jogo de adivinhações, salvo para alunos cuja intuição já é mais acurada, estes precisam menos de exercícios de reconhecimento, problema constante com professores que trabalham com alunos em início de alfabetização gramatical.

No entanto, devemos propiciar o uso dos conhecimentos gramaticais e fazer perguntas para que o aluno mobilize esse conhecimento com o objetivo de melhorar o texto ou produzi-lo de forma mais coesa, inteligível, porque instrumentalizamos o aluno para refletir sobre suas ações linguísticas, principalmente na modalidade escrita da língua.

Ressaltamos o questionamento do por quê e para quê ensinar gramática na escola de ensino fundamental? Dizemos que, sem abandonar as diversas culturas da escola, afirmamos que o estudo sistemático de conteúdos e saberes técnicos dão acesso ao aluno continuar aprendendo, consultando manuais, dicionários, enciclopédias e gramáticas, porque ao invés de negar essa prática de ensino, não aprendamos ao mesmo tempo a brincar com a língua, a aceitar a mudança e a evitar proibições arcaicas

sobre o que é a língua, o que pode e o que não pode ser dito, a prestar atenção nas intuições dos alunos, tentando recuperar as nossas, fazendo isso, o professor de português não precisará esconder o que faz, segundo Kleiman e Sepulveda (2014).

Contudo, quando o professor não esconde o que faz no ensino de Língua Portuguesa, se afasta da visão estreita e redutora do que se fazem supor nas atividades de ensino de gramática, seja de algumas classes de palavras ou categorias, classificações e nomenclaturas, o professor deve “explorar a riqueza e a variedade dos recursos linguísticos em atividades de ensino gramatical que se relacionem diretamente com o uso desses mesmos recursos para a produção e compreensão de textos em situações de interação comunicativa”, conforme Travaglia (2009, p. 235-6). Por fim, devemos trabalhar o ensino de gramática na perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual dos elementos da língua, só assim, conseguiremos fazer a integração entre os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna, como leitura, produção de textos orais e escritos, vocabulário e o próprio ensino de gramática e seus usos como código linguístico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola, 2014.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?* com Esmeralda Vailati Negrão & Ana Lúcia Müller. 1. ed., 2. reimp. São Paulo: Parábola, 2013.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. Trad. de Sandra Netz. 2. edição. Porto Alegre-RS: Bookman, 2004. Reimpressão: 2007.

IVO, Maria José Mendes. *Os Novos Programas de Português: da gramática ao conhecimento explícito da língua – análise de um paradigma linguístico*. Universidade da Beira Interior: Faculdade de Artes e Letras-Departamento de Letras. Dissertação de Mestrado em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários. Covilhã - Portugal, 2010.

KLEIMAN, Angela B.; SEPULVEDA, Cida. *Oficina de Gramática: metalinguagem para principiantes*. Campinas-SP: Pontes, 2014.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C. MENDONÇA, M. (Orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009. p. 199-226

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução: Dulce Matos. 5. ed. Instituto Piaget, Lisboa-PT: Piaget editora, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *A gramática de Dionísio Trácio e seus contrapontos semânticos*. Campo Grande: Oeste, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cattus, Feles et Pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2015.

PADERES, Adriana M. RODRIGUES, Regina de B. GIUSTI, Sonia R. Teoria da Complexidade: percursos e desafios para a pesquisa em educação. In: *Revista de Educação*. <http://200.18.45.28/sites/residencia/imagens/Disciplinas/pesquisa%20metodo%20complexidade.pdf>. acesso: 15/05/2014.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Parábola, 2011.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. *A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SILVA NETO, Antonio Cilírio da. *Uso e sistematização das classes de palavras – substantivo e adjetivo: a teoria e análise linguístico-gramatical aplicada aos estudos morfológicos – proposta de criação de material didático*. 2015. 209 f. Dissertação. Mestrado acadêmico em Letras Ensino de Língua e Literatura – Universidade Federal do Tocantins – *Campus Universitário de Araguaína-TO*, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.